

O PENSAMENTO NACIONAL JUDEU MODERNO

Natan Rotenschtraich

Nosso trabalho estará relacionado com o movimento e com a realidade que nós mesmos estamos vivendo.

Esta aproximação com a realidade é um fato, pelo qual não constitue uma questão relacionada com os valores pois nós não buscamos a identidade sofisticada do presente com o valor.

Na realidade próxima ou em suas raízes devemos provar descobrir que é o que constitue seu valor o que é que contém uma troca essencial na concepção do mundo e no sentido do interesse do judeu.

Ademais, não queremos aqui trazer uma discussão que gire em torno de grupos conceituados completos e definidos. Queremos abraçar na essência a corrente o movimento que engloba idéias expressas e realidade concretas.

Algumas vezes, as realidades concretas vêm a resultar ^{mais} importantes que a idéia expressa teoricamente. Pelo tanto, estamos obrigados em nossa discussão a fazermos eco de conjuntos e não de teorias puras.

E agora, passemos ao nosso tema concretamente:

A - O pensamento nacional judeu moderno se baseia nas análises das bases da existência social do povo judeu e em soluções para trocas destas bases.

O pensamento nacional surgiu em um período de crises no mundo judeu, em um período em que as bases da existência anterior deixaram de ser suficientes ou percebidas como suficientes para manter a unidade judia em sua integridade.

O pensamento nacional moderno considera as bases da existência tradicional do povo judeu como existentes dentro de um contexto histórico. A existência judia está baseada em uma relação entre gerações. Em uma unidade cujo conôço se remonta à Instituições viventes e crenças e idéias que surgiram no passado e que existem no presente pelo oixo de que surgiram no passado.

O judeu nas gerações passadas não considerava as bases de sua existência desta maneira:

O fato de que sua existência se baseava em forças e fatores que não nasceram no presente não diminuiu o sentido da realidade das instituições existentes. Pelo contrário, justamente o caráter histórico foi considerado e como um fator que fortifica a existência pelo fato de que a dependência do passado não foi dependência nos limites cronológicos históricos senão que foi uma dependência em uma hierarquia supra histórica. A dependência da vida no passado era considerada como um benefício e não como uma desvantagem.

Na época moderna aconteceu uma troca decisiva nesta forma de ver:

As bases da vida judia do mundo tradicionalista tiraram do caráter histórico sua hierarquia desde os pontos de vista:

1 - Em lugar de ser fatores supra históricos, ôles foram considerados como -

fatôres históricos que se formaram em alguma época em certos limites da realidade judia antiga.

2 - Em lugar de terem sua força baseada em sua antiguidade eles foram concebidos como fatôres que não podem determinar e orientar o estilo de vida do presente pelo fato de que não existe uma relação de dependência específica orgânica entre eles e o presente no qual estariam chamados a influir.

As crises que sobreveio no mundo judeu teve, pois, dois aspectos:

- 1 - Eliminar os fatôres da união judia de seu caráter supra histórico.
- 2 - Eliminar sua força com fatôres, pelo solo de que são históricos, percebidos como herança do passado e não por ser criações do presente.

Por outro lado, podemos decidir que a nova época de Israel começa a perceber a tradição judia não como um marco dado a vida do judeu e, do este ponto de vista, independente de sua vontade.

A tradição judia no passado não foi unicamente questões de crenças e idéias, foi ademais uma questão de instituições vivas atuantes e com sua força influenciaram para criar um estilo de vida e organizar instituições, legislação, organização comunitária, etc.

O mundo judeu moderno começou a perceber a tradição como uma questão entregada a alma, íntima, limitada a relação entre as gerações e não como uma questão dada e imposta dentro da qual nasce o judeu e se desenrola à margem de sua vontade.

Podemos citar que o caráter histórico da tradição traz como consequência uma troca no sentido de ver sua essência subjetiva.

Estas trocas são os pontos de partida das análises que traz o pensamento judeu moderno. O pensamento nacional moderno propõe uma troca nas próprias bases da vida judia com a intenção de criar uma nova unidade judia baseada nas instituições vivas que atuam no presente e que estejam ancoradas nêlo, e não em instituições vivas cuja existência persiste apesar do presente.

Em vez de apoiar-se em fatôres históricos como até agora se propunha, o pensamento nacional judeu baseia a vida judia em fatôres sociológicos que atuam no presente e que estavam aferrados a êle. Não acidentalmente trago o pensamento nacional seu intêresse sociológico na vida do povo judeu. Esse intêresse sociológico é o produto da concepção do problema sociológico como o problema central do povo. A consideração do fator sociológico se manifesta logicamente numa questão primordial.

Em outras palavras, a hipótese das instituições viventes não podem existir sem uma base territorial. O pensamento nacional moderno propõe, portanto, como primeira base das instituições viventes, a condição de viver dentro de um território, uma questão central das aspirações e das realizações.

Neste ponto devemos diferenciar entre as diferentes tendências do pensamento nacional. Entre a tendência sionista e as outras tendências em suas formas diferentes.

Todas as tendencias do pensamento nacional, compreendidas as de Dubnow e de Bund, colocavam a premissa social na criação de instituições soe

ciais sôbre o ãmarco físico prôpriamente dito, baseando-se na premissa filosófica ou num sentimento instintivo de que a vida social humana se desenvolve num limite entre a natureza que está fora do homem e o humano no sentido mais restrito d'êste conceito, quer dizer a união com um território que é a ponte entre o mundo em sua totalidade e o humano.

Nesta, o fator territorial é que se caracteriza o sionismo pelo fato de que identificou o território com Erstz Israel, pelo fato de ter identificado o território do presente com o do passado.

Desde o ponto de vista metódico, poderíamos considerar o fator territorial na vida do povo, pelo menos nessas teorias ou concepções que procuravam encontrar uma base para a união do judaísmo nos limites da história judaica como, por exemplo, as diferentes concepções de nacionalidade ou a concepção de Achod Hoan. Estas consideram a base da relação judia na continuidade das gerações, mas, estas concepções consideravam que pela crise que sofreu Israel; sendo quaisquer os motivos, o fator histórico necessitava de um estímulo por parte das instituições viventes no presente e influenciando sôbre - êle.

E, por sôbre tudo, por meio da concentração territorial.

Ató, aqui tratamos sôbre as mudanças que trouxe o pensamento nacional, mas esta mudança trouxe um novo problema que devemos considerar juntamente quando tratamos sôbre os valores do pensamento nacional.

Podémos definir o problema desta maneira: a nova base vivencial vêm em lugar da base antiga ou se ela vêm com agregada ?

Se a base sociológica da união judia vêm em lugar da antiga base histórica, então estamos frente a um novo nascimento da comunidade judaica e é claro, que muitas tendências sérias e não tão sérias estão ligadas a esta decisão de um novo nascimento.

Entretanto, se a base sociológica veio como agregada à base existente aparece em tôda sua intensidade o problema da relação entre estas duas bases.

A especificação teórica neste caso, como em muitos outros, é muito mais simples que a realidade vivente.

A concepção da nova base com um agregado não elimina a questão de como vão a balancear-se os distintos fatores que atuam no sistema das forças nacionais.

Quatro respostas principais se deram a esta pergunta em desenvolvimento do pensamento nacional moderno:

a - A primeira resposta foi a que propôs o judaísmo nacional ortodoxo, e sua exposição teórica foi dada de uma forma exaustiva na filosofia do rabino KUK.

A concepção universalista do rabino Kuk não dá lugar a uma diferença entre os distintos fatores: o fator sociológico está compreendido na expressão do rabino Kuk "O CORPO OU A CHUVA", é parte de um sistema total da santidade e, por conseguinte está dada de antenão harmonia entre as bases. Em

princípio, esta concepção está até agora acima da concepção do problema de alg uma contradição entre as distintas bases.

A segunda resposta está dada na filosofia de Achad Haan. Esta filosofia parte de uma dupla premissa: por um lado, que a unidade nacional é uma unidade existente na continuidade histórica das gerações, e, portanto, e não se estabelecerá uma unidade nacional no presente deslizada dos fatores - da continuidade histórica.

Mas, frente esta base positiva, aparece a premissa negativa de que a geração do presente é uma geração leiga e que a herança histórica já - não lhes fala diretamente ao coração.

O problema que afligia Achad Haan era encontrar um ponto em comun entre a continuidade histórica na qual estava impresso o sôlo religioso e o presente leigo e independente.

Achad Haan tratou de encontrar um ponto em comum entre tôdas as gerações, digamos um denominador comum do judaísmo sôbre o qual se desintegra ria a continuidade judaica, mas, dentro do qual poderia existir apesar das - grandes mudanças.

Este mínimo é essencialmente moral. Está baseado em considerar a moral judaica como uma moral social, de justiça.

A diferença intrínseca da solução de Achad Haan é dupla:

1 - Podemos ver a religião desde o ponto de vista sômente específico, com sua vestimenta moralista e sôbre esta base estabelecer o mínimo judaico como existente fora do mundo religioso em seu sentido mais exato?

2 - Será que a aceitação do moralismo judaico como um menor denominador comum é algo que surge desta própria moralidade ou, se é algo positivo, só pelo fato de ser moralismo judaico, é dizer que sua base principal está no ca-ráter nacional que surge da continuidade das gerações?

Desta maneira vemos o problema da continuidade ao ponto zero.

A terceira solução foi proposta por Aaron David Gordon.

Gordon partiu da base de que a volta a Eretz Israel era retor-nar as fontes vivas do judaísmo e da criação judaica. Considerava que exis-te uma espécie de relação orgânica intrínseca entre a criação e a tendência especial do pensamento judaico e a paisagem da terra de Israel e os instin-tos criadores do povo.

A criação judaica está encravada nesta paisagem sôbre esta ba-se existe uma espécie de intuição primária que se despertará sôbre o fundo do reencontro com o marco criativo e com suas fontes que só existe no marco ambiental de Eretz Israel.

Neste caso a continuidade não está assegurada por um certo tra-u-na social senão pela volta as raízes primárias nas quais começavam o trauma.

O fundamental desta continuidade reside na premissa de uma harmonia pré-es-tabelecida entre o povo judeu e a terra de Israel e sôbre o fundo desta har-monias se desenrola a continuidade e não é necessário nenhum esforço nacional orientando o consciente.

As debilidades desta solução são bem claras:

Se trata de resolver um problema por meio da fé em sua solução. Gordon escapa da história à natureza por meio dela, um problema que é, pelo menos uma grande parte, de caráter histórico.

A quarta solução foi proposta por Mija I. Berdichevsky.

Esta solução trata de cortar a relação proposta por Gordon desde sua base.

O problema da continuidade não existe para ele, já que a continuidade significa uma submissão das forças criadoras do presente a certas fórmulas e esquemas trazidos do passado.

A continuidade e a criação são contraditórias pois a criação se realiza com a completa liberdade do criador, com seu despontar espontâneo.

O judaísmo não é uma unidade cristalizada que pode copiar-se de geração em geração. Não tem um sinal distintivo específico em seu conteúdo. Tudo em que o coração judeu pensa está dentro do marco do judaísmo. A continuação, é uma continuação ontológica e aqui não está claro se é histórica ou biológica.

Berdichevsky pensava às vezes que sua concepção era a essência da concepção nacional e de suas tendências:

Se é que realmente a concepção nacional desvia o centro de gravidade da vida judaica da herança histórica até os fatores do presente então não se pode fazer depender a criação do presente e dos marcos vivenciais do passado.

Mas justamente esta concepção se enfrenta com a dificuldade da dialética íntima do movimento nacional tomado como um movimento renascentista.

Em todo renascimento podemos diferenciar dos aspectos: o renascimento do passado, a consequência do qual encontra sua expressão a geração que olha o passado. No renascimento, a herança do passado passa por uma fusão com o presente.

A filosofia platônica, que nasceu com o que foi chamado "período do renascimento" histórico, não foi uma filosofia platônica fiel às suas fontes. Foi uma filosofia por qual a geração do século XV e XVI buscou as bases que podiam combinar com seu nível e com sua tradição. Desde este ponto de vista foi um Renascimento do passado por meio do presente, mas, desde um outro ponto de vista, pode considerar-se o renascimento como uma volta ao passado. Como algo que se pode receber do passado como um valor próprio.

O renascimento judaico tem implícita esta qualidade e, por tanto, não está livre de solucionar o problema judeu cortando a relação Gordoniana como a propôs Berdichevsky. O sentido histórico do renascimento é um freio necessário na tendência expressada por Berdichevsky. Por conseguinte vemos e repetimos que o problema da relação entre os diversos fatores, entre o fator histórico da continuidade e o fator sociológico da nova base é um problema intrínseco do renascimento judaico em seu sentido coletivo e em suas expressões ideológicas.

B- Até agora tratamos o nacionalismo judeu e os distintos pensamentos criados ao redor dele de um ponto de vista judeu interno, mas o nacionalismo judeu e estes pensamentos estão encaixados nas relações entre Israel e o mundo.

Neste sentido, devem ser tratadas duas questões importantes:

1- A primeira questão é sobre o caráter deste encontro com o mundo exterior, isto é, identificar o problema judeu com a própria existência do Galut.

As correntes judaicas que existiriam em Israel antes da criação do nacionalismo foram tentativas de dividir entre estes dois conceitos, colocando o problema judeu como um problema de status legal ou religioso inferior nos países em que os judeus viviam.

A consideração do marco sociológico para a existência do povo trouxe como consequência a visão da raiz do problema dos judeus e o caráter da base vivencial judaica, isto é, a própria possibilidade de existência do galut.

Deste ponto de vista, o nacionalismo judeu aclarou ao povo o sentido que podia expressar-se na frase "entre outras nações não encontrará a paz". O nacionalismo judeu volta as motivações racionais anteriores e sua renovação é a volta ao fundo das crises vivenciais judaicas.

Acêrca do caráter da Golá apareceram duas tendências que, desde o ponto de vista histórico, se contradiziam uma e outra, mas, apesar de que é duvidoso que essa contradição resistiria a uma análise sistemática.

Uma das tendências considerada como a essencial do problema dos judeus atenção existente entre eles e o mundo que os rodeia.

Esta tensão, cuja expressão histórica publicamente cristalizada e organizada é o antissemitismo.

O fundo desta contradição está no fato de encontro físico, - contínuo entre judeus e o mundo, e a desigualdade básica entre as partes. Esta desigualdade está baseada no fato de que o participante judeu está exento de território. Esta concepção toma distintas variantes mas, em essência foi apresentada de uma maneira clara por Pinsker e Herzl.

Por outro lado, a tendência é a que destaca que o valor do Galut está justamente no oposto, isto é, num maior agrupamento dos judeus com o mundo, e numa maior influência do mundo no âmbito judeu influencia que - tem aparentemente uma diminuição da vida judaica interna e por último a perda completa da unidade judaica. O Galut determina um estreitamento do nacional e cria uma problemática chamada o problema judeu.

O expoente máximo desta tendência é Achad Haam.

Como disseramos mais acima, estas duas tendências apareceram historicamente como opondo-se uma contra a outra.

Mas parece que esta contradição poderia ser representada de acordo com a contradição de Leibnitz entre sistemas filosóficos. Isto é, que cada uma delas está certa no que diz respeito ao que consideram positivo e não estão certas no que diz respeito ao que eles negam. Estas duas tendências

não são contraditórias quando colocam distintos aspectos de uma mesma vivência. Então, a relação entre elas é uma relação de complemento e não de contradição. Aproximação ao mundo gentil existe apesar da contradição e dentro dela do mesmo modo como esta contradição existe apesar da aproximação e como consequência dela.

2 - Podemos dizer que trouxemos à discussão um conjunto de relação entre o povo e o mundo desde o ponto de vista negativo. Mas estas relações tem também outro aspecto que poderíamos considerar desde o ponto de vista de um estudo mais exato de um dos conceitos difinidos no tesouro conceitual do novimento nacional. Trata-se de um conceito de normalização. Parece que êste conceito tem duas faces que não foram compreendidas exatamente por aquêles que a impuseram.

Analisaremos as duas matizes da raiz dêste verbo:

Por um lado, o relacionaremos "normal" e por outro com "norma". A normalização tem como premissa aproximar a existência judaica ao que é considerado como mais aceitava e corrente, isto é, normal na vida dos outros povos em primeiro lugar, na base territorial do povo.

A existência de outros povos é considerado como um ponto de comparação na existência de Israel.

Na análise da crise por qual passou o judaísmo nas últimas gerações é fortalecida com observação da vivência comum de outros povos. O fato da existência de outros povos se transformou em uma linha orientadora na busca do oriente para Israel. Mas, por outro lado, êste caráter de normal tem outro significado mais substancial.

A existência territorial e política é a situação preferida na vida dos povos já que a existência de um povo está definida por sua ligação a estas condições.

A troca na base da vida do povo judeu não foi propugnada somente por uma vontade de assemelhar-se a outros povos "normais", senão que existiu uma força que tendia a dar uma força completa a vida nacional por meio de suas relações com o território, o estado e o idioma, isto é, os três determinantes da existência nacional, do modo que desejavamos que fôsse desde o ponto de vista normal.

Se nos aprofundarmos nas fórmulas expressadas no pensamento nacional judaico sobre esta questão encontraremos um dualismo nêste conceito de normalização. Êste dualismo depende de onde coloquemos nosso ponto de partida, se no fato da vida dos povos ou na análise sociológica ou política das vivências nacionais em geral.

De qualquer maneira encontramos aqui uma aproximação da consciência judaica com o que acontece fora do judaísmo, já seja como um fato histórico ou como uma forma de vivência humana.

A aproximação ao mundo gentil deu um impulso ao renascimento do pensamento nacional, uma vez que colocou frente ao judaísmo uma pauta já seja concreta ou teorica, para uma determinada ordem vivencial.

Esta situação se destaca mais no fato histórico de que o movimento nacional judaico é parte dos movimentos nacionais na Europa, apesar do específico que ele tem nas lutas dos movimentos nacionais, não dúvida de que o movimento judaico foi influenciado pelos movimentos gentis e fortalecidos por eles.

As relações que podemos estabelecer entre as distintas épocas da história judaica são complexas e emaranhadas.

O movimento nacional e sua expressão teórica não são um substituto da emancipação e sua filosofia não são somente uma resposta a emancipação.

O movimento nacional judaico recebeu um impulso da emancipação por meio da experiência de tratar de aplicar em pautas gerais para assegurar a própria existência comunitária do povo judeu.

Esta relação entre o pensamento e as aspirações de emancipação e aqueles de pensamento nacional podemos vê-la de outro ponto de vista:

A emancipação foi uma prova para solucionar o problema do judeu nos marcos existentes na vida judaica, que significa viver com um mundo gentil e dentro deles.

O problema da emancipação foi encontrar uma fórmula harmonica entre os judeus e o mundo.

O pensamento nacional não excluiu esta concepção, transportou para outro esquema. A harmonia não é algo possível sobre a base de encontro contínuo com o mundo. A condição para harmonizar esta no desligamento do mundo.

Aqui também vemos a idéia da normalização em suas acepções.

A vida nacional normal é centralizada, na qual o encontro entre os povos e culturas é realizado sobre ou por meio de marcos territoriais.

Por tanto a normalização das relações com o mundo está condicionada a um afastamento físico do mundo.

Analisamos até agora dois interpretações da idéia de troca de base. Uma interpretação estava relacionada com as relações internas entre o fator histórico e sociológico.

A outra interpretação, está relacionada com a determinação da relação existente entre o povo de Israel e o mundo, sobre a base de conceito de normalização. Trataremos agora de profundizar uma terceira interpretação desta idéia de troca de base, é relacionada com o estudo das possibilidades de criação espiritual do povo de Israel. Com o correr do desenvolvimento do pensamento nacional judeu se destacarão diferenças ideológicas em relação ao caráter e situação de criação judaica sobre a base antiga. Pareceria que podíamos afirmar que uma das alienações que se destacarão neste desenvolvimento foi a concepção de que a criação espiritual do povo de Israel e que sua vivência criadora em geral sobre esta antiga base, a impulsionava a um campo que não o pertencia. Os valores do judaísmo e de suas instituições se transformou obviamente em valores de importância pragmática ou instrumental.

Não são valores que tem um plano específico como valores, e sim que se transformam em forças unificadoras do povo judeu. Quer dizer, fatores sociológicos em lugar de conteúdos e valores.

Quando faltam forças de unificação sociológicas do povo judeu, os valores são transportados ao campo sociológico para evitar o processo do "Vazio Sociológico".

O professor Gutman chamou este processo de transformação de valores em forças unificadoras "A casca defensora" pois ele cuida da integridade do povo.

A busca de uma nova base está relacionada com duas premissas - ou se quisermos dizer-lo de outra maneira, duas credências:

A primeira considera que a nova base liberará forças criadoras do povo dando-lhe um novo impulso.

A segunda considera que não será necessário transformar os valores em uma "Couraça Defensiva", e esta preparará o terreno para a ascensão dos valores a sua categoria específica.

O câmbio de base é então uma condição para a criação espiritual que tem uma existência própria que não está condicionada ao cumprimento de roles nacionais e sociais.

Por outro lado, quem aprofunda a autovalorização da criação judaica na base como foi manifestada em uma ou duas gerações do pensamento judaico prévio que o pensamento nacional, encontrará, com distintas matizes a idéia central da extinção da criação autônoma e produtiva judaica.

As forças espirituais de Israel passaram da criação espontânea à observação ou como disse Graetz, para reflexão. Mas ainda podemos afirmar que, em distintas formas foram propostos esquemas de divisão da história judaica em períodos de acordo a um princípio básico de que a situação da criação judaica em nosso tempo é reflexiva, repetitiva.

Esta concepção esteve sempre frente a grande dificuldade de explicar o valor de uma criação que nada cria e que ela em si é uma criação.

Esta seria a idéia de que a identidade é o pináculo do desenvolvimento humano e é um estágio superior para a criação que tem, no fim das contas, um conteúdo ingênuo, sem consciência.

Nos dois sentidos, o pensamento nacional saiu a corrigir - esta concepção, ou mais exatante, a opor-se a ela.

O pensamento nacional sustentava contra a premissa histórico-filosofica de que já não existem as fontes de criação produtivas do povo de Israel e que o povo entrou em um estágio de autoobservação exclusiva.

Foi esta como uma erupção de forças sociais primárias contra o veredito da aristocracia intelectual que fez de si mesma um ideal de "vida contemplativa" um fundamento histórico comunitário do povo.

Por outro lado, foi esta também uma posição a concepção de que a criação espontânea é uma etapa ingênua e, por tanto inferior na vida espiri

tual. A espontaneidade da criação foi percebida como possuidora de um valor próprio que de nenhuma maneira poderia ser subtraída nem poderia ser medida por ser o valor da observação.

É claro que o pensamento nacional judaico ou o movimento nacional pagou um preço considerado por esta troca de base da observação ao da criação.

Difícilmente encontraremos nas mãos do movimento nacional judaico ou em suas fontes sérias, experiências sistemáticas de explicar o conteúdo religioso ou filosófico do judaísmo. As grandes experiências sistemáticas de explicação filosófica do judaísmo no último tempo foram realizadas em sua totalidade fora do âmbito do movimento nacional e, as vezes, em franca luta com êle. Como, por exemplo, o podemos na criação de Hernan Cohen.

Parece que ao movimento nacional lhe faltava uma premissa anterior a toda a experiência sistemática, isto é, a premissa de que o judaísmo no tem um sentido estável e circular.

O movimento não se lhe deixou observar ao judaísmo em forma sistemática.

O professor Gutman já nos havia aclarado em um de seus artigos que na época moderna aparece uma fórmula filosófica do judaísmo justamente não, lugar onde se escavaram e se estão escavando as forças criadoras do judaísmo, o que êle chama a "Comunidade Judia Religiosa". Isto é, estamos frente a uma proporção inversa entre o fundo social e humano por um lado e a sistematização filosófica por outro.

A sistematização não é a continuação de um fundo imprescindível, se não, uma manifestação de uma base que está em um processo de diminuição. Desde esse ponto de vista podemos dizer que o pensamento nacional é um esforço para transladar novamente o centro de gravidade do campo da sistematização ao campo das instituições viventes.

Por conseguinte, no movimento nacional surgiu uma inquietude ao voltar às tendências que existiam antes da crise que sofreu o judaísmo quando a vida em um marco e não a consciência e cristalina eram consideradas o fundamental da existência religiosa e filosófica expressa do judaísmo.

De qualquer maneira, houve aqui um processo de debilidade ou neutralização do pensamento sistemático que tinha como ponto de partida a interpretação.

Desta maneira é bem explicável o que poderia parecer paradoxal o novo despertar da vida judaica e a fé em sua força não foram uma renovação no pensamento judaico nem seu despertar.

Contudo, esta dualidade, apesar que têm raízes muito profundas, leva o problema interno do movimento nacional e do renascimento judaico, isto é, quando e como poderá uma vivência, continuada ativar e mover-se de acordo ao expressado em suas fontes ou em outras palavras, qual é o sentido comum da própria vivência continuada e quais são os elementos fundamentais que traz

ela mesma ?

D. - Assim voltamos ao primeiro assunto que tratamos ou seja ao sentido primário que tem o conceito da troca de base.

Que significa o renascimento da criação? É só uma troca de base ? Só se faz trasladando ao campo sociológico?

Será que o renascimento da criação sobre uma nova base é fundamentalmente a histórico ou será que está ligado desde o seu começo aos valores da história judaica ?

Será que estes valores são a manifestação em sua imagem ou como os conhecemos, isto é, uma espécie de padrões de criação judaica ou será como poderíamos dizer em linguagem pictórica como capas que se superpõem trocando sua forma, mas nas quais as formas antigas permanecem incrustadas ?

Isto é simplesmente uma definição pictórica e o que busca encontrar um conceito exato para expressá-lo, melhor não tentar.

Mas, talvez, como estamos tratando acerca do crescimento de um corpo teórico dentro de uma nova realidade e de uma nova tensão entre herança e realidade, é permitido às vezes ajudar-se com idioma pictórico e expressar - desta maneira as tendências em uma forma geral, deixando de lado os detalhes dos processos.

De qualquer maneira, é claro que estas perguntas aparecem irreduzivelmente como condições do estudo das bases do pensamento nacional e do movimento que a acompanha.

Dai que a questão dos valores judaicos volta a seu ponto de partida, isto é, o fundo sobre o qual se encontram os impulsos da nova realidade e seu sentido do mundo que, apesar de que não está presente, existe.

Mas, não podemos estar satisfeitos considerando somente a troca de base como um valor sem ver que este é somente uma condição e não um conteúdo.